



PORTUGUESE A1 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Friday 5 November 2010 (afternoon)
Vendredi 5 novembre 2010 (après-midi)
Viernes 5 de noviembre de 2010 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only. It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages. Le commentaire ne doit pas nécessairement répondre aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le désirez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento. No es obligatorio responder directamente a las preguntas que se ofrecen a modo de guía. Sin embargo, puede usarlas si lo desea.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

Julga-se protegida por não terem tido filhos. Seria pior. Tenta acreditar nisso. Muitas vezes acredita. Há outras em que se comove, as lágrimas abissais, e deixa que tudo desabe sobre ela, porque na rua um bebé sorri num carrinho sofisticado, todo terreno, conduzido por uma mãe, quem sabe?, estoirada, mas feliz. Feliz por ter esse consolo. Ter filhos é um consolo. Até um certo momento, pelo menos. Até não nos fugirem da pele com vergonha de serem já eles e não apenas o prolongamento de quem os pariu.

5 Ela defende-se sem habilidade quando lhe perguntam porque é que não tiveram rebentos (tem ódio à palavra), porque é que não cumpriu o seu papel, a coisa grandiosa da maternidade que confere sentido de vida. Mesmo à vida que não terá qualquer espécie de lógica. Como definir um sentido para a vida?

10 As pessoas encaram-na com uma certa pena. Tem essa consciência. Como se não fosse mulher o suficiente, como se dependesse dela. Nessas ocasiões, limita-se à exibição de um sorriso e olha para longe. Fica à espera que passe, sabendo de antemão que falta uma resposta e que do seu silêncio nascerá apenas desconforto, constrangimento e, por fim, outra vez, pena.

15 *A piedade é um sentimento menor, tem-se dos loucos, dos que andam perdidos e falam sozinhos.*

Já o dizia a mãe. Sábia mãe. Que Deus a guarde. Guardará? Será que lhe perdoou o ter-se perdido em certezas sem concretizar nada que fosse digno de nota? A mãe e as regras definidas para tudo, regras que dão (darão?) estabilidade, certeza, educação e cultura.

20 O marido é diferente. Não julga nada porque a vida não lhe ensinou isso. Ensinou-lhe as coisas básicas da sobrevivência: o trabalho é para trabalhar. Um homem não se deixa. É melhor não fazer um rol de coisas. Se não as nomear, as falhas desaparecem.

25 Nada de listas de queixas. A própria palavra – queixa – isolou-se do vocabulário, está silenciosa e quieta, sem estatuto ou vida. Há outras coisas a ponderar. Não é preciso entender o papel dela na cozinha a empestar o planeta com o seu cheiro azedo, enquanto ouve e percebe que a chegada do marido está eminente. Não é preciso porque não serve de nada.

30 Um homem fuma e bebe, não chora nem pede. Paga as contas e verifica o dinheiro. Fecha a porta da casa de banho. Sempre. Compra roupa uma vez por ano. Usa o mesmo tipo de sapatos. Arranja as coisas em casa. Ela procura não pensar em cenários alternativos. Nada de sonhos, nada de fantasias.

[...]

Ela sonha [...]. Tudo isto acontece na sua cabeça antes de fazer o jantar, as revistas escondidas do olhar dele.

35 A mesa está posta e ele arrasta-se com o copo na mão até ao sofá gasto. Ela atreve-se.
Um dia vou mudar de sofá.

Nem penses, este já tem o buraco do meu cu.

São coisas assim. Agressões que a limitam, a aprisionam, a desfiguram, a destroem com enorme eficácia.

Ele torna-a um conjunto de coisas sem nome.

40 Ela sabe tudo isto e sabe ainda mais quando vê as horas a passar, horas torturadas por telenovelas que se repetem, os mesmos rostos, as mesmas vozes. O roncar de álcool no sofá.

Patrícia Reis, *Fúria* (adapt.,) *O Prazer da Leitura*, Portugal (2009)

- Explícite as diferentes ideias que opõem a personagem principal às outras personagens.
- De que forma a reacção do marido (*linha 36*) limita, aprisiona, desfigura e destrói a mulher “com enorme eficácia”? (*Antepenúltimo parágrafo.*)
- “A própria palavra – queixa – isolou-se do vocabulário, está silenciosa e quieta, sem estatuto ou vida.” Relacione esta frase com o que parece ser a postura da mulher face ao marido.
- No domínio formal, saliente os aspectos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.

2.

As Velhas

Elas nos olham, mas não vêem nada.
Sua vida é a que foi, muito lá atrás.
São quase máscaras, mascando o nada,
E em seus olhos há um charco, não a paz.

5 Como em molduras, nas janelas, duras,
São pré-retratos, mas dirão: de quem?
Fitam o amor e a fúria, aves obscuras
No batente-poleiro que as sustém.

10 Sabem, no quarto escuro que é o seu dia,
Que não são deste mundo. A sua voz,
Se existisse, a nós, sãos, perguntaria
Se porventura sê-lo-emos nós.

Alexei Bueno, *A árvore seca* (inédito) Brasil

- Explique o sentido do primeiro verso.
 - Explícite a(s) oposição(ões) que estrutura(m) o poema.
 - De que forma a velhice nesse poema é o prenúncio do que aguarda a todos?
 - No domínio formal, saliente os aspectos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.
-